

# UMA ESCOLA CHAMADA SALAZAR?

JORGE CUNHA PIMENTEL

Tendo realizado um número significativo de projectos num período relativamente curto e em que, tal como nas obras de muitos dos arquitectos da sua geração, “é particularmente sensível a diversidade de maneiras e uma surpreendente versatilidade de linguagens, o caso de Rogério de Azevedo chega a ser perplexante”<sup>1</sup>.

Com uma carreira marcada pela encomenda privada na cidade do Porto, por obras públicas no norte do país (nomeadamente no distrito de Viana do Castelo, na Póvoa de Varzim e na Vila de Alijó) e por projectos realizados no âmbito do Ministério das Obras Públicas e do SPN/SNI e executadas através da DGEMN, a sua obra caracteriza-se pela recusa da modernidade como único paradigma que inspira a procura estética, visível tanto no edifício Sede do Jornal *O Comércio do Porto* (projectado entre 1926 e 1930, expressando a intenção de modernizar o ecletismo classicizante da sua formação) como na Garagem d’*O Comércio do Porto* (projecto aprovado em 1932, “com um magnífico sentido de massas, uma

---

<sup>1</sup> Pedro Vieira de ALMEIDA, José Manuel FERNANDES, *História da Arte em Portugal, Vol. 14 – A Arquitectura Moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 121.

exploração formal de grande coerência e manifesta força plástica"<sup>2</sup>, confrontado tradição e inovação), e continuada na Creche d'O *Comércio do Porto* (de 1930), no edifício dos CTT de Viana do Castelo, num gaveto da Av. Dos Combatentes da Grande Guerra (concluído em 1933, e anterior ao Plano Geral de Edificações), ou mesmo no Edifício Maurício-Rialto (1941-1945), também no Porto. Todos eles edifícios em zonas centrais nas diferentes cidades.

Conciliando desejo criativo com ofício, “arte e política, classicismo e modernismo, restauro e inovação, provincianismo e internacionalismo”<sup>3</sup>, o arquitecto, professor, historiador e musicólogo Rogério de Azevedo marcou igualmente a sua obra com a pesquisa de uma linguagem para a arquitectura em que lugar, tradição e história se conjugam, visível nos Projectos-Tipo Regionais para as escolas primárias do centro e norte do país (1933-35, normal e erradamente muitas vezes referidas e confundidas como as Escolas dos Centenários), na Escola-Cantina Salazar, em Santa Comba Dão (1938), nas Pousadas Regionais do Marão, Serém e Serra da Estrela (todas com projectos de 1939, mas só concluídas durante a década de 40 e normalmente referidas como Pousadas do SNI), e no Hotel Infante de Sagres (1945), onde o figurino nacionalista surge já como tendo sido assumido.

Rogério dos Santos Azevedo (1898-1983) ingressou no curso de arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto em 1912. Concluídos os estudos em 1917, iniciou o tirocínio no escritório do Arquitecto Marques da Silva (1869-1947), seu professor e mestre de quem recebeu uma forte formação *Beaux-Arts*.

Em 1920 foi um dos fundadores da Sociedade dos Arquitectos do Norte e, com a reforma do ensino artístico, voltou à Escola de Belas Artes, matriculando-se no curso especial da nova organização, que concluiu em 1922.

Terminando a sua colaboração com o Arq. Marques da Silva, Rogério de

---

2 *Idem*.

3 Teresa FONSECA, “Rogério de Azevedo, 1898-1983”, in *Desenho de Arquitectura*. Porto: UP, 1987, p.54.

Azevedo montou escritório, em 1926, associando-se ao Arq. Baltazar de Castro que também assina grande parte dos seus projectos.

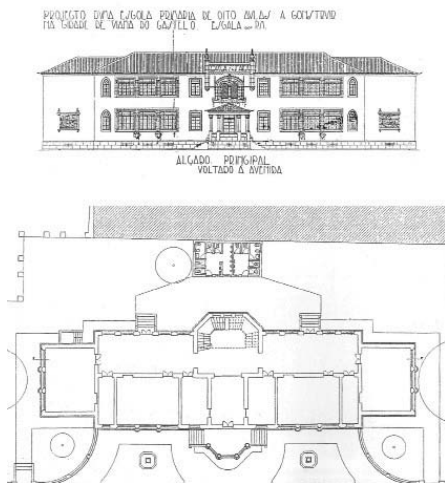
O Arq. Januário Godinho foi tirocinante no escritório, entre 1930 e 1933, e colaborou nomeadamente nos projectos: Urbanização do Gerês (1930) e Escola Cantina “José Rufino” em Alijó (1930-31).

Em 1936 ingressou, por convite da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), no quadro da Direcção dos Monumentos Nacionais, no Porto, onde permaneceu até 1940, ano em que saiu para ocupar o lugar de Professor da 8ª cadeira – Desenho arquitectónico, construção e salubridade das edificações – do Curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto. A cadeira tinha sido regida pelo Arq. Marques da Silva.

A partir do final dos anos 50, dedicou-se aos estudos histórico-arqueológicos tendo no *Boletim Cultural*, editado pela Câmara Municipal do Porto, o lugar privilegiado para a sua publicação.

Desde muito cedo Rogério de Azevedo acompanhou a actividade de intervenção nos monumentos nacionais desenvolvida por Baltazar de Castro (seu amigo e colega de escritório e um dos principais responsáveis pelas acções de restauro desenvolvidas pela DGEMN na primeira metade do século XX) conjuntamente com o grupo de intelectuais cujo trabalho era divulgado pela revista *Ilustração Moderna* (1926-1932) editada no Porto pelo fotógrafo Marques Abreu, e que se constituiu numa plataforma de divulgação das múltiplas iniciativas desenvolvidas a favor dos monumentos pré-românicos e românicos no norte do país.

Do grupo faziam parte o Dr. Alfredo de Magalhães (antigo Governador Civil de Viana do Castelo, então Ministro da Instrução Pública, de 1926 a 1928, e Director da Faculdade de Medicina do Porto, 1923-1928), o Arq. Adães Bermudes (Director do Serviço de Monumentos Nacionais da Direcção-Geral das Belas Artes, 1926-1929), o Eng. Gomes da Silva (Director-Geral da DGEMN desde a sua criação, 1929), o Arq. José Vilaça (responsável por muitos dos projectos de reconstituição de monumentos divulgados pela revista) e o arqueólogo Cónego Aguiar Barreiros, entre outros.



Escola Central de Viana do Castelo. Rogério de Azevedo / Baltazar de Castro. Projecto. Alçado principal e planta do primeiro piso, 1930.

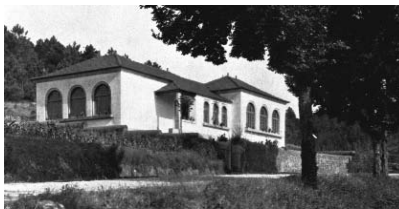
Desenhos publ. in José Pedro Martins BARATA (org.); José Manuel Pedroso BOTAS (org.) – *Património escolar português: preservação e salvaguarda*. Lisboa: Ministério da Educação, 2003, p. 16.

Com a criação em 1929 da DGEMN as construções escolares passaram para a sua competência. Entre os projectos com que os serviços iniciaram a sua actividade encontra-se uma série de oito edifícios escolares do distrito de Viana do Castelo, conhecidos como *Escolas Dr. Alfredo de Magalhães*<sup>4</sup>, cuja construção foi autorizada em 1927. Na sua maioria são edifícios muito ricos em pormenores de acabamentos, apresentando todos diferenças no seu traçado e um número variável de salas de aula. Rogério de Azevedo realizou, em autoria conjunta com Baltazar de Castro, o projecto da Escola Central de Viana do Castelo (1928-30). Situada na Av. Dos Combatentes da Grande Guerra, então uma nova artéria

---

<sup>4</sup> São assim designadas porque a sua construção foi autorizada em 1927 pelo então Ministro da Instrução Pública, Dr. Alfredo de Magalhães, antigo Governador Civil de Viana do Castelo (1911) e ele próprio natural do Minho.

## UMA ESCOLA CHAMADA SALAZAR?



Escola Primária de Lourosa, Oliveira do Hospital. Vista, 1930. Foto publ. in *Ilustração Moderna*, 7º ano, n.º 58, Novembro/Dezembro de 1932, p. 502.

Rogério de Azevedo/Baltazar de Castro. Projecto. Planta, 1930. Ass., dat.. Desenho publ. in Maria Filomena BEJA, *Muitos Anos de Escolas: Vol. 1 - Edifícios para o Ensino Infantil e Primário até 1941*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura/Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, Centro de Documentação e Informação, p. 224.

e montra da cidade, com dois pisos e 8 salas de aula, apresenta um carácter revivalista com decorações neo-manuelinas. Dos mesmos arquitectos são ainda as Escolas de Fonte Grosa, Portuzelode (1930), de Lanheses (1930-31) de Vila-Mou (1930), de Alvarães (1930) e de Gandra (1930), que se incluem nesta série de edifícios.

Com a destruição da Escola Primária, motivada pela necessidade de libertar a Igreja de Lourosa (Oliveira do Hospital) de todas as construções anexas para a realização de sondagens e estudo para a sua reconstituição, trabalhos iniciados por ordem do Dr. Alfredo de Magalhães e profusamente acompanhado pela

revista *Ilustração Moderna*<sup>5</sup>, o Eng. Henrique Gomes da Silva (Director-Geral da DGEMN) encomendou o projecto da nova escola a Rogério de Azevedo, ficando Baltazar de Castro (Director do Monumentos do Norte) responsável pela direcção da construção.

Este projecto com corpos escalonados organizados segundo dois eixos ortogonais, um corpo central de articulação dos espaços, recreio coberto na concavidade da composição volumétrica, virá a ser repetidamente utilizado por Rogério de Azevedo, com variações, introduzindo alterações na implantação e nos elementos de fachada.

Nos primeiros anos da década de 30 o regime procurou implantar-se na sociedade rural, onde a realização de melhoramentos locais assumia uma grande importância<sup>6</sup>. Foi estabelecido um esquema de articulação entre o Ministério das Obras Públicas e o da Instrução<sup>7</sup>, distribuindo as competências na construção escolar e remetendo para as autarquias, e para as populações, uma comparticipação nas obras de 50% do seu valor. Esta política inviabilizava muitas das aspirações das populações em pequenas povoações. Desta forma, nas localidades com certo poder de influência, e à margem do levantamento de necessidades realizado pelo Ministério da Instrução<sup>8</sup>, construíram-se alguns edifícios escolares (projectos especiais).

É neste contexto que surge, entre outros, o estudo para o edifício em gaveto da Escola Primária de Barrô, Águeda (1930), substituído no ano seguinte por um

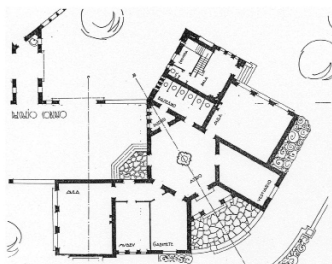
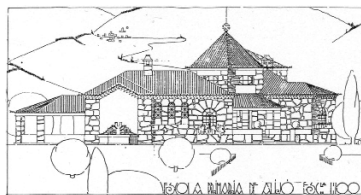
---

5 “Melhoramento importante”, in *Ilustração Moderna*, N.º 46, Agosto de 1930, 5º ano, pp. 191-192; “Uma Escola em Lourosa”, in *Ilustração Moderna*, N.º 58, Novembro/Dezembro de 1932, 7º ano, pp. 502-503.

6 O Decreto n.º 19.502, de Março de 1931 (publicado em 24/3/31), definia a política de *Melhoramentos Rurais*, estipulando um regime para a *Construção, reparação e adaptação de estradas e escolas*, permitindo a atribuição de subsídios do Orçamento Geral do Estado.

7 Decreto n.º 21.697, de 19 de Setembro de 1932 (publicado a 30/9/32).

8 Em 1928 o Ministério da Instrução Pública tinha organizado uma carta escolar destinada a indicar as escolas existentes e a definir a localização das escolas a construir, número de salas de aula e zonas de influência de umas e outras.



Escola Primária e Cantina de Alijó. Rogério de Azevedo/Baltazar de Castro. Projecto. Alçado principal e planta piso térreo, 1930. Ass., dat.. Desenhos publ. in Maria Filomena BEJA, *Muitos Anos de Escolas: Vol. 1 - Edifícios para o Ensino Infantil e Primário até 1941*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultural/ Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, Centro de Documentação e Informação, pp. 218 e 220.

projecto mais simples e de execução mais barata<sup>9</sup>.

Muitos dos edifícios escolares foram construídos por iniciativa popular, outros doados (ou comparticipados) por beneméritos mais ou menos altruístas. Este gesto foi incentivado pelo Estado<sup>10</sup> que concedia aos doadores de edifícios o direito de indicarem a(s) pessoa(s) para a primeira colocação de professores no(s) lugar(es) criado(s) para o funcionamento da escola. Fazendo-se obedecer a construção dos edifícios às normas técnicas e pedagógicas vigentes, a DGEMN vistoriava e dava parecer sobre as mesmas antes da sua doação ser aceite, havendo

---

9 Da mesma altura, e com destino idêntico, é o projecto que Rogério de Azevedo (com Baltazar de Castro) desenvolveu para a Escola Primária do Soajo, Concelho de Arcos de Valdevez (1931). Do projecto inicial de um edifício de 2 pisos, com 6 salas de aula (uma destinada ao ensino infantil) e uma sala de professores, só foi construído o piso térreo. Apenas com 4 salas, sem a infantil, começou a funcionar em Outubro de 1939. Tratou-se de um projecto especial, com a preocupação da sua integração no ambiente serrano, de construção robusta em granito.

10 Decreto n.º 19.531, de 30 de Março de 1931.



Escola Primária e Cantina de Alijó. Fotos durante a construção.  
DGEMN, DSID. IPA nº PT011701010022, Fotos 551915, 551914, 551913 e 551916.

por todo o país exemplos destas “escolas de tipo indefinido”<sup>11</sup>, construídas segundo o gosto e as possibilidades dos seus doadores.

Foi para ser construído num terreno de gaveto, doado por um benemérito da terra, que Rogério de Azevedo desenvolveu, com a colaboração de Januário Godinho, o projecto da Escola-Cantina “José Rufino”, em Alijó (1930), primeira a ser construída no país.

Uma arquitectura articulando diversas formas poligonais, feita de granito e ferro (caixilharias e pormenores das portas), pesada e em diálogo com os materiais e a paisagem transmontana, primeiro de outros edifícios (Pousada e “Abrigo dos Pequenininos” da Misericórdia de Alijó, 1933) por ele realizados para a mesma

---

11 Filomena BEJA, et ali, *Muitos anos de escolas. vol. I – Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Educação Escolar, Centro de Documentação e Informação, 1990-1996. p. 217.



Avenida *nova* onde se virão a concentrar os novos equipamentos e serviços da Vila.

Também de 1933, por encomenda da Câmara Municipal do Porto, é o projecto de outro Abrigo dos Pequenininhos, a Creche e Dispensário da Praça da Alegria, Fontainhas, no Porto. Com jardim próprio e assente numa plataforma elevada que se desenvolve em dois patamares, a creche apresenta também um balneário com piscina numa esplanada virada ao rio e um consultório médico anexo no extremo oposto.

Tendo verificado que o recurso a projectos especiais representava um considerável atraso e encarecimento das obras, e pretendendo um tipo de arquitectura diferente da concebida pela Repartição das Construções Escolares, os serviços da DGEMN procuraram, pelos seus próprios meios, obter novos projectos que pudessem ser aplicados na construção de novas Escolas Primárias Oficiais a serem construídas em série. Desde 1932 que existia na DGEMN uma secção de arquitectura, chefiada pelo Arq. Guilherme Rebello de Andrade, com esse objectivo. Desse trabalho resultou a apresentação de uma *Memória*, em 1933, em que eram definidos os vários conceitos – entre eles o da regionalização – a que deveriam obedecer os edifícios escolares a construir em série pelo governo: os projectos deveriam ser concebidos “de harmonia com as características da arquitectura regional, impostas, não só pela aplicação dos materiais próprios dessas regiões, como também pelas variações do clima”<sup>12</sup>.

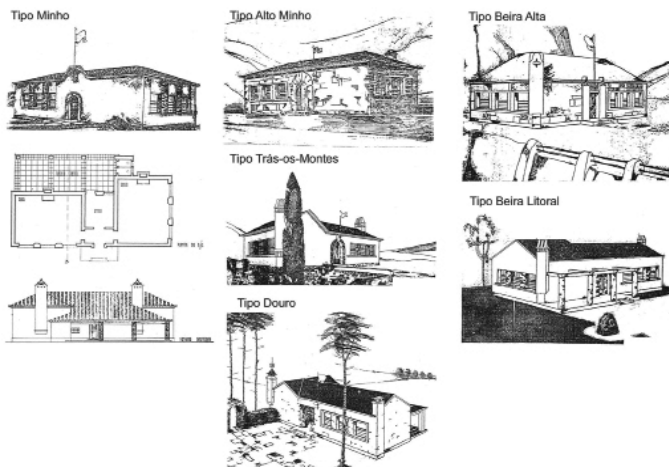
Para a concepção das plantas foram estabelecidas três condições principais:

“1ª - Com a planta de uma escola para um ‘logar’ escola-unidade, resolver as plantas das restantes escolas, para efeitos de facilitar ampliações futuras.

2ª - Conceber essas plantas a poder-se aproveitar todos os terrenos seja qual for a exposição a Norte.

---

12 *Ante-projecto do Plano Geral de Tipos-Regionais de Escolas Primárias Oficiais a Construir em Série – Memória*. Lisboa, 14 de Dezembro de 1933, p. 1. Processo de Expediente-Geral, da DGEMN – Arquivo da DGCE.



Rogério de Azevedo. Projectos-Tipo Regionais, duas salas. Perspectiva, planta e alçado posterior do Tipo Minho. Perspectivas dos Tipos Alto Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beira Alta e Beira litoral, 1933-35. Desenhos publ. in Maria Filomena BEJA, *Muitos Anos de Escolas: Vol. 1-Edifícios para o Ensino Infantil e Primário até 1941*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura/Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, Centro de Documentação e Informação, 1990, pp. 246-264.

3ª - 'Standardisação' da construção das escolas, por grupos, mesmo que nesses grupos entrem escolas de diferentes números de 'logares'<sup>13</sup>.

Este documento veio a constituir a base de trabalho para os novos projectos-tipo regionais começados a desenvolver desde logo pelos arquitectos Raul Lino e Rogério de Azevedo, e que foram superiormente aprovados em 1935.

Para os distritos do Norte e Centro os projectos foram da responsabilidade de Rogério de Azevedo que fundamentou o predomínio da aplicação de granito, assim como das variantes de tijolo, xisto e outras pedras.

Tendo tido muito provavelmente o projecto da Escola de 2 salas de aula de

---

13 *Idem*, p. 2.

Lourosa (Oliveira do Hospital), desenhado em 1930, como modelo base de trabalho, simplificando quer a sua estrutura quer a circulação entre espaços, as plantas foram repetidas para cada solução, encontrando-se os aspectos regionais de arquitectura agrupados em seis tipos (30 soluções): Minho (tijolo) – soluções para 1 sala, 2 salas sobrepostas, 2 salas térreas, 3 e 4 salas; Alto Minho (cantaria de granito); Douro (cantaria de granito); Beira alta (cantaria de granito); Beira Litoral (cantarias); Trás-os-Montes (xisto) – as mesmas soluções para todos.

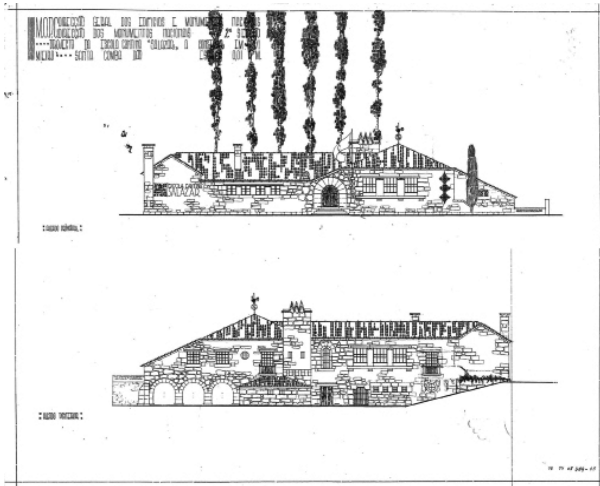
Com a elaboração de um mapa de orçamentos para todas as soluções, algumas escolas começaram a ser construídas em resposta a pedidos atendidos caso a caso, segundo o critério da necessidade local, não havendo um programa global de empreendimentos.

Só em 1938, com o Eng. Duarte Pacheco de volta ao cargo de Ministro das Obras Públicas, o processo das escolas-tipo regionais foi relançado. Pretendia-se começar a construção de edifícios para escolas primárias no âmbito de um grande plano geral de realizações. Por tal razão foi expressamente proibida a construção de novos edifícios até à aprovação do plano geral que estava a ser ultimado, admitindo-se como única excepção a construção de escolas primárias nos agrupamentos de casas económicas, nomeadamente no Porto e em Braga. Era ainda consentida a conclusão de 230 escolas primárias já em construção, listadas em documento posteriormente publicado<sup>14</sup>. Na sua maioria de uma ou duas salas de aula, algumas eram projectos-tipo regionais, outras, mais antigas, eram projectos especiais, projectos da DGEMN e projectos da Repartição das Construções Escolares.

A interdição de construção de novos edifícios de escolas primárias só viria a ser levantada em 29 de Julho de 1941, com um despacho do Presidente do Conselho, onde as condições de execução do Plano dos Centenários eram definidas. Equipas da DGEMN seriam as responsáveis pela execução dos trabalhos e nem Rogério

---

14 Decreto-Lei n.º 29011, de 19 de Setembro de 1938, *Diário do Governo*, 1 Série, n.º 218.

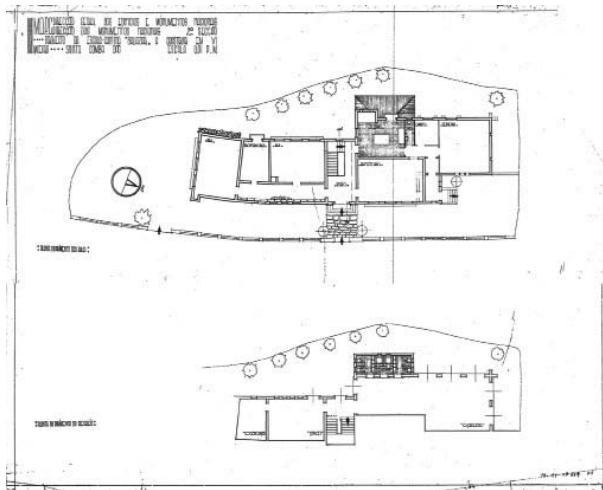


Escola-Cantina Salazar, Vimieiro, Santa Comba Dão. Rogério de Azevedo. Projecto. Alçados principal e posterior, 1936. N/ass., n/dat.

IHRU: SIPA. IPA nº PT021814080009. Desenhos 009487 e 009489.

de Azevedo nem Raul Lino viriam a ter qualquer participação na elaboração dos projectos das Escolas dos Centenários. Com as mudanças de orientação pedagógica (nomeadamente a separação dos sexos) e a necessidade de controlar custos foram sendo casualmente ensaiadas várias modalidades de geminação dos projectos-tipo pelos serviços. Para edifícios com mais de uma sala de aula Raul Lino desenhara plantas com dois eixos paralelos, Rogério de Azevedo desenhara plantas com dois eixos ortogonais, ficando assim comprometida a possibilidade de uma imagem uniforme e reconhecível em todo o país. Os novos edifícios-tipo (Projectos-tipo das Escolas do Plano dos Centenários), aprovados em 1944, baseavam-se nos projectos-tipo regionais de 1935 mas “a introdução de outros conceitos e requisitos modificaria, e diluiria, a linguagem expressa pelos dois

## UMA ESCOLA CHAMADA SALAZAR?



Escola-Cantina Salazar, Vimieiro, Santa Comba Dão. Rogério de Azevedo. Projecto. Plantas dos pavimentos das aulas e do recreio, 1936. N/ass., n/dat..  
IHRU: SIPA. IPA nº PT021814080009.

arquitectos<sup>15</sup>, alterando profundamente o carácter muito próprio dos edifícios dado pelos traços de Rogério de Azevedo e de Raul Lino e reduzindo-os a *contentores* empilhados.

O projecto especial da Escola-Cantina Salazar (Santa Comba Dão, Vimieiro, Viseu), datado de 19 de Março de 1938, foi um dos que viu autorizada a sua conclusão. A par da Escola Masculina de Santa Comba Dão<sup>16</sup> este foi o segundo projecto de Rogério de Azevedo (com Baltazar de Castro) para a aldeia onde nasceu Oliveira Salazar.

---

15 Filomena BEJA, et ali, *Muitos anos de escolas: vol. I – Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Educação Escolar, Centro de Documentação e Informação, 1990-1996. p. 283.

16 Escola primária de 7 salas de aula, gabinetes e cantina. Com projecto de 1932, e iniciada a sua construção dois anos depois, aproveitava a antiga Escola Conde de Ferreira. Baltazar de Castro presidiu à comissão fiscalizadora das obras.



Escola-Cantina Salazar, Vimieiro, Santa Comba Dão. Vistas actuais.  
IHRU, SIPA. IPA nº PT021814080009. Fotos 015502, 015503, 015496, 015499 e 015500.

Edificada em 1946 por iniciativa de um grupo de beneméritos, a escola encontra-se numa zona peri-urbana, implantada a meia encosta, adaptando-se à morfologia do terreno que apresenta um declive acentuado. Construída em granito e apresentando uma planta rectangular, composta e irregular, e uma disposição horizontal das massas, é constituída por volumes e cobertura de telhados diferenciados, arcadas no pátio de recreio coberto e uma relativa ausência de elementos de decoração, oferecendo no entanto dois rostos. O alçado principal refere em continuidade os projectos das escolas-tipo regionais, sendo que a extensão do alçado e a articulação dos volumes se encontra reflectida no beiral da cobertura. Já o alçado posterior, com algum distanciamento e liberdade criativa em relação à imagem dos tipos regionais, e tirando partido do declive, do espaço de recreio e da disposição das salas de aula, apresenta uma composição quase orgânica, forte e profundamente expressiva da relação entre massas e aberturas.

Se é verdade que a partir de certa altura houve da parte institucional, através dos programas-regulamentos, um condicionalismo nacional-regionalista político, também é verdade que Rogério de Azevedo desde muito cedo, e antes de qualquer condicionamento político, tinha assumido outras prioridades na sua forma de pensar a arquitectura.

Se os programas no final da década de vinte e início da de trinta, dando por vezes seguimento a programas anteriores e fundamentando-se (ou justificando-se) em necessidades de ordem prática e económica, muitas vezes partindo da iniciativa local, puderam condicionar a expressão individual dos autores, Rogério de Azevedo não se terá sentido condicionado ou pressionado, respondendo de forma genuína aos trabalhos que lhe foram encomendados, encontrando neles convergência com as suas preocupações e valores.

Em artigo de homenagem no centenário do nascimento do Arq. Marques da Silva, e talvez também se referindo a si próprio, Rogério de Azevedo escreveu que “era a originalidade da criação que ele respeitava em cada um” já que “entendia que o espírito não tem limites que o coarctem e que a tradição não é estagnação mas continuidade na pesquisa para encontrar o termo válido da renovação. A tradição é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão-de vir”<sup>17</sup>.

Esta vontade de renovação, que Rogério de Azevedo refere, está presente na sua obra desde os primeiros projectos, num processo de conciliação entre modernidade e tradição, sem que com isso haja da sua parte uma qualquer atitude política ou militante. Nem há nele qualquer compromisso ou um combate ao “desenvolvimento de tendências tidas como dissolventes do ‘espírito-nacionalista’”<sup>18</sup>. Há, isso sim, uma livre interpretação do modernismo, articulada

---

17 Rogério de AZEVEDO, “Mestre Marques da Silva”, in *O Tripeiro*, VI Série, Ano IX, n.º 11, Novembro de 1969, p. 343.

18 Maria de Fátima Alves SALES, *Januário Godinho na Arquitectura Portuguesa (1910-1990) – ou a outra face da modernidade*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Universidad de Valladolid, 2000, p. 395 [texto policopiado].

JORGE CUNHA PIMENTEL

à volta do lugar, da arquitectura tradicional portuguesa e da história.

Este trabalho foi desenvolvido no CEAA|Centro de Estudos Arnaldo Araújo da ESAP (uID 4041 da FCT) sendo por isso financiado por Fundos Nacionais através da FCT–Fundação para a Ciência e Tecnologia.